



CIEA7 #1:

GUARDIANES DE LA HISTORIA Y DE LA MEMORIA: 'TRADICIONES',
COLECCIONES Y OTRAS MANIFESTACIONES (IN)MATERIALES DEL PERÍODO
COLONIAL.

Olga Iglésias[©]

iglesias.olga@gmail.com

O Arquivo Histórico de Moçambique (AHM)

e a memória do movimento associativo de cariz islâmico

Deambulando pela Baixa da capital de Moçambique, Maputo sou esmagada ao olhar o edifício, outrora a belíssima Mesquita, apesar de manter a velha fachada, impõe-nos agora um gigantesco arranha-céus, evocando a grandiosidade da crença em Alá! Constituiu a observação deste facto um desafio para compreender o poder económico e social dos seus construtores e entender a proximidade à nomenclatura governante. Apesar da importância do Islão na Colónia de Moçambique não existem estudos aprofundados sobre o seu impacto no movimento associativo e independentista. Assim, pretende-se estudar as dinâmicas sociais e religiosas das comunidades islâmicas para compreender o seu papel na construção de um Moçambique independente e perceber consequentemente a sua força actual. A investigação implica analisar a informação que foi produzida pelo regime colonial e pelos movimentos independentistas e a exploração empírica centrada sobre a história de vida de pessoas que, como membros das comunidades islâmicas participaram neste processo libertador.

Índico, Moçambique, Islão, Comunidade Islâmica, Associativismo,
Movimento Independentista, Colonialismo Português.

[©] CEsA/ISEG e CIAL/ULHT.

*Hombres, hermanos sois, vivid hermanos*¹

INTRODUÇÃO

Este é um texto em construção, decorrente do trabalho de campo simplesmente preliminar. Iniciar uma pesquisa num tema novo tornou-se deveras apaixonante, pela descoberta da documentação dispersa e perdida no tempo, pelas entrevistas exploratórias em trajectórias de vida, pelo partilhar da informação que constantemente se analisa, sobretudo pelo encontro com pessoas que se interrogam sobre o impacto do Islão em Moçambique.

Os estudos sobre o Islão conheceram um novo fôlego após a tragédia de 11 de Setembro em Nova Iorque, crescendo a maioria lamentavelmente numa perspectiva de Ismalofobia mundial. Políticos, sociólogos, antropólogos e historiadores têm-se debruçado sobre a difusão do Islão, privilegiando sobretudo a temática religiosa mas a nossa pesquisa não vai focar a questão religiosa em si mas sim as actividades dela decorrentes em termos políticos, sociais, económicos e culturais, que animaram o associativismo. Ao estudar o fenómeno associativo, no desenvolvimento das teses de mestrado² e de doutoramento³, apercebemo-nos da limitação dessa pesquisa, pois o enfoque centrou-se nas iniciativas africanas, esquecendo entre os *filhos da terra*, especificamente os afro-maometanos.

No caso de Moçambique, apesar de importantes estudos desenvolvidos por Alpers, Bonate, Leite, Macagno e Vakil, como se pode ver na Bibliografia apresentada, este estudo está por fazer, pois se o regime colonial português numa pesquisa aplicada para tentar “controlar” as comunidades islâmicas produziu uma série de estudos, que os SCCIM preservaram, igualmente os movimentos independentistas as integraram, como atestam os documentos encontrados no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane e, em pastas reservadas do Fundo de documentação da FRELIMO no Arquivo Histórico de Moçambique, debatendo-se questões como a identidade, o nacionalismo e, nos nossos dias um Islão que se pretende afirmar como moçambicano.

Daí, a pergunta de partida: qual foi o papel das comunidades islâmicas na construção de Moçambique independente?

¹ Aragon, Alberto Lista y. *Poesías*.

² A dissertação de mestrado, orientada pelo Professor Doutor Valentim Alexandre e defendida na FCSH/UNL em 1990, intitulou-se: “O Grémio Africano de Lourenço Marques. Em defesa da causa africana? Intervenção na sociedade de Lourenço Marques, 1908-1938”.

³ A tese de doutoramento, orientada pelos Professores Doutores Fernando Rosas e Jill Dias e defendida em 2009, na FCSU/UNL, intitulou-se: “O movimento associativo africano em Moçambique. Tradição e Luta, 1926-1962”.

Três hipóteses se levantam:

1. As comunidades islâmicas foram completamente controladas pelo regime colonial?
2. Controladas pelo regime, desenvolveram iniciativas de afirmação independentista?
3. Subordinação e resistência ao poder colonial coexistiram?

Na ciência histórica, a arte de interpretar a documentação recolhida encontra na construção da História de Moçambique uma questão fundamental sobre o papel do registo oficial português relativo à oposição dos *filhos da terra*, especificamente à resistência dos afro-maometanos e indianos, tentando distinguir, fora do traço burocrático as zonas de conflito, o que não é tarefa fácil. O “dito”, mascarado de verdadeiro, à custa de tantas vezes repetido, tem de ser cotejado com o “não-dito”, submerso nas entrelinhas do discurso. Nesta análise, confronta-se a documentação fabricada em duas posições antagónicas: a da administração colonial e a dos movimentos nacionalistas, com a informação vinda a lume nos jornais ou radiodifundida, assim como as histórias de vida, detalhadas e coloridas de acção. Limpo o pó do tempo, com rigor e seriedade está a ser analisado um passado-presente, através de fontes orais e escritas que permitem uma aproximação à verdade, ainda que ela esteja afastada da versão oficial, desfazendo mitos em nome da verdade histórica.

Assim, a finalidade da pesquisa é um estudo de caso: as comunidades islâmicas nas balizas cronológicas, consideradas significativas: 1954-1974. Como objectivos principais a atingir, enumera-se os seguintes:

1. Identificar as comunidades islâmicas em Moçambique;
2. Verificar o impacto do Islão no movimento associativo;
3. Analisar as relações dos Povos do Norte de Moçambique com o poder colonial e os movimentos associativos: a MANU⁴;
4. Analisar as vivências e trajectórias de famílias islâmicas decorrentes dos processos de colonização e descolonização;
5. Conhecer a realidade das comunidades islâmicas originárias de Moçambique actualmente imigrante em Portugal;
6. Aferir do relacionamento entre as comunidades imigrantes islâmicas e a sociedade portuguesa;

⁴ Mozambique African National Union/ União Nacional Africana de Moçambique, criada em 1959 a partir de associações mutualistas, entre essas, a União Maconde de Moçambique, fundada em 1954.

7. Confrontar e problematizar os resultados da pesquisa, no sentido de desenvolver linhas analíticas que permitam aferir da importância do movimento associativo de inspiração islâmica na construção de Moçambique independente.

A metodologia definida a partir de um levantamento bibliográfico comentado sobre o tema central da investigação assentou num trabalho de campo direccionado na busca de documentação relevante. A pesquisa de fontes primárias já iniciada no Arquivo da MANU, inserido no Fundo da FRELIMO, depositado no Arquivo Histórico de Moçambique, constitui o maior desafio, pois a documentação reservada encontra-se em grande maioria em língua Swahili, o que implica para além da recolha, a tradução e respectiva análise. Refira-se a importância de outros arquivos, tais como: os Arquivos Nacionais da Torre do Tombo⁵, o Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo do MNE e Arquivo Militar. Importa ainda referir a importância da informação recolhida na imprensa local, nomeadamente *O Africano*, *O Brado Africano*, *Notícias e Diário de Moçambique*, bem como jornais de cariz islâmico: *Bilal e Crescente*⁶.

Por outro lado, destaca-se as fontes orais, através de entrevistas a elementos das comunidades islâmicas, da MANU e da FRELIMO. Foi decisiva a visita às instalações das Comunidades Islâmicas, nomeadamente a mesquitas, escolas, associações de mútuo auxílio e grupos desportivos para compreender o papel que desempenharam e desempenham na sociedade moçambicana.

EM BUSCA DE FONTES

Ao entrar no universo da pesquisa, o ponto de partida para a construção de uma amostra aleatória seguiu duas vertentes: a recolha de entrevistas exploratórias⁷, estruturadas e semi-estruturadas até ao momento ainda apenas relativas a catorze elementos entrevistados, sendo três de Lisboa, oito de Maputo e três de Inhambane, onze homens e duas senhoras, entre os quarenta e os setenta anos, treze islâmicos, dos quais dois Sheiks e um Shehe (Maputo).

Por outro lado, foi recolhida documentação significativa sobre as chamadas agremiações de defesa, estudo, recreativas e desportivas em cerca de setenta caixas no Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo, nomeadamente nos fundos do

⁵ Nomeadamente os fundos: AOS, PIDE/DGS e SCCIM.

⁶ Jornais editados já no pós-independência no ano de 1995, em Maputo.

⁷ Ver o Guião da Entrevista Exploratória em anexo.

Governo-Geral, da Direcção dos Serviços da Administração Civil, da Direcção dos Serviços dos Negócios Indígenas, da Administração do Concelho de Lourenço Marques, da Educação e do Arquivo da FRELIMO, em pastas relativas à Presidência, ao Comité Central (CC), ao Departamento de Relações Exteriores (DRE), ao Departamento de Organização Interna (DOI) e à MANU⁸.

Na Biblioteca do AHM encontram-se obras relevantes sobre o pensamento islâmico que foram igualmente tratadas, bem como periódicos da imprensa produzida no tempo colonial, dando-se destaque ao jornal *Notícias*, onde se procurou o detalhe da vida quotidiana, em artigos e fotografias⁹.

O método a ser seguido na análise desta documentação, oral, escrita e iconográfica¹⁰ será fundamentalmente o de entrecruzar a informação, no sentido de reconstituir a história do movimento associativo de cariz islâmico, isolando os elementos que se aproximaram e se integraram na MANU e na Frente de Libertação de Moçambique.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

O ambiente ocidental de Islamofobia que se vive actualmente no mundo não atingiu por agora Moçambique, pelo que esta pesquisa¹¹ não sofreu quaisquer tipos de entraves, públicos ou privados, antes pelo contrário foi incentivada, apoiada por eminentes Colegas investigadores, sobretudo luso-afro-brasileiros e por elementos destacados das Comunidades Islâmicas em Portugal e em Moçambique.

Ainda se considera prematuro indicar os resultados alcançados, pois falta avançar no fundamental, na análise da documentação entretanto recolhida. Todavia, é possível prosseguir na senda de desfazer ideias que nos parecem erradas, tais como o mito de que: (1) As associações islâmicas, constituídas por asiáticos eram formadas por famílias ricas; (2) Havia unidade entre as associações de afro-maometanos e de indianos; (3) O Estado colonial controlava o movimento associativo.

Um aspecto interessante a aprofundar prende-se com a existência, segundo provas documentais de um clima de conflito e polémica entre os mais velhos e os

⁸ Sendo a documentação encontrada na sua maioria em língua Swahili, necessitando de ser traduzida.

⁹ Ver Bibliografia.

¹⁰ Ver fotografias em anexo.

¹¹ No âmbito do pós-doutoramento, orientado pela Professora Doutora Joana Pereira Leite, iniciado em Fevereiro de 2010, com uma bolsa da FCT.

jovens, formados em escolas corânicas no estrangeiro, ainda que no seio da mesma ordem *Suni*, predominante em Moçambique.

Outra questão, ligada à afirmação de uma identidade própria de indianos que se fixaram ao longo dos séculos XIX e XX na costa oriental e que animaram as comunidades islâmicas, procurando desenvolver a sua cultura, parece-nos muito importante aprofundar.

Portanto, a pesquisa será desenvolvida em três campos que se irão intersectar, tais como as histórias de famílias, de religiões, sobretudo o Islão e da administração colonial, daí a sua complexidade tanto conceptual como metodológica.

BIBLIOGRAFIA

- Alpers, Edward A. (1999). "Islam in the Service of Colonialism? Portuguese Strategy during the Armed Liberation Struggle in Mozambique". *Lusotopie*, pp. 165-184.
- Bonate, Liazzat J. K. (2006). "Matriliney, Islam and Gender in Northern Mozambique". *Journal of Religion in Africa*, vol. 2, nº. 36, pp. 139-166.
- Bonate, Liazzat J. K. (2007). "Traditions and Transitions: Islam and Chiefship in Northern Mozambique, ca. 1850-1974", (tese de doutoramento no Department of Historical Studies, Universidade de Cape Town, África do Sul).
- Bonate, Liazzat J. K. (2007). "Roots of Diversity in Mozambique Islam". *Lusotopie*, Mai, vol. XIV, nº 1, pp.129-149.
- Bonate, Liazzat J. K. (2007). "Islam and Chiefship in Northern Mozambique". *ISIM Review*, nº. 19. Amsterdam/Leiden: Centro de Estudos do Islão no Mundo Moderno, pp. 56-57.
- Bonate, Liazzat J. K. (2008). "O Islão Negro: As Abordagens Coloniais do Islão em Moçambique". *Revista do Religare*, Março. Brasil: Universidade Federal de Paraíba.
- Caetano, Marcello (1946). *Política e Administração*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Cahen, Michel (1998). *L'État Nouveau et la Diversification Religieuse au Mozambique*. Lisboa: CESA/ISEG.
- Coelho, João Paulo Borges e Souto, Amélia Neves de (2005). "História de Moçambique", in Cristovão, Fernando (dir. e coord.) et al. *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Ed., pp. 483-493.
- Depelchin, Jacques (1983). "African anthropology and history in the light of the history of FRELIMO". *Contemporary Marxism*, nº. 7, pp. 69-88.
- El-Bokhari (1972). *Seleção de Hadiths. Tradições Muçulmanas*. Lourenço Marques: Ed. Popular (promovida pelo Governo Geral de Moçambique).
- Freitas Afonso H. Ivens Ferraz de (1957). *Seitas Religiosas Gentílicas*, 4 vols.

- Freitas, João da Costa (s.d.). "Movimentos subversivos contra Moçambique", in *Moçambique. Curso de Extensão Universitária, ano lectivo de 1964-1965*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, pp. 317-337.
- Garcia, Francisco Miguel Gouveia Pinto Proença (2001), "Análise Global de uma Guerra (Moçambique, 1964-1974)". Porto, Universidade Portucalense. Dissertação para a obtenção do Grau de Doutor em História.
- Henriksen, Thomas (1983). *Revolution and counter-revolution: Mozambique's war of independence, 1964-1974*. Westport: Greenwood Press.
- Henriques, Isabel Castro (1999). "A sociedade colonial em África. Ideologias, hierarquias, quotidianos", in Bethencourt, Francisco e Chadhuri, Kirti (dir.). *História da Expansão Portuguesa*, vol. 5. Navarra: Círculo de Leitores, pp. 216-274.
- Khoury, Nicole e Leite, Joana Pereira (2008). "Indians of Eastern Africa and Colonizations". *Lusotopie*, vol. XV, n.º. 1, pp. 29-35.
- Khoury, N. e Leite, J. (2008). "La presse coloniale portugaise du Mozambique et les Indiens 1930 -1975" in Khoury, N. e Leite, J. (dir.). Indiens des cinq colonisations de l'Afrique Orientale : mobilités et identités en diaspora de 1870 à nos jours. *Lusotopie*, XV, n.º. 2, Ed Brill, 39 pp.
- Khoury, N., Leite, J. e Mascarenhas, M. J. (2008). "De l'Ombre à la lumière: femmes ismailis du Mozambique", in Khoury, N. (dir.). Dossier: L'Afrique des Indiens. *Outre –Mers. Revue d'Histoire*, 2º semestre 2008 pp.17-62.
- Leite, J (2001) "Indo-britanniques et indo-portugais: présence marchande au Sud de Mozambique au moment de l'implantation du système colonial, de la fin du XIXème siècle jusqu'aux années 1930". *Outre-Mers. Revue d'Histoire*, 1º. semestre 2001, pp 13-37.
- Macagno, Lorenzo Gustavo (2004). "Uma domesticação imaginária. Representações coloniais e comunidades muçulmanas no norte de Moçambique, *Travessias*. Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, vol. 4-5, Lisboa, pp. 181-205.
- Macagno, Lorenzo Gustavo (2006). *Outros muçulmanos. Islão e narrativas coloniais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Macagno, Lorenzo Gustavo (2007). "Les nouveaux oulémas: la recomposition des autorités musulmanes au Mozambique". *Lusotopie*, vol. XIV, pp. 151-177.
- Malheiros, Jorge Macaísta (1996). *Imigrantes na Região de Lisboa: Os Anos de Mudança: Imigração e Processo de Integração das Comunidades de Origem Indiana*. Lisboa: Colibri.
- Mamede, Suleiman Valy (1968). *Pensamento Islâmico*. Lisboa: Liv. Cruz.
- Mateus, Dalila Cabrita (1999). *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Lisboa: Ed. Inquérito.
- M'Bokolo, Elikia (1992). *Afrique Noire. Histoire et Civilisations*, 2º. Vol. Paris: Hatier-Aupelf.
- Medeiros, Eduardo (1985). *O Sistema Linhageiro Macua-Lómwè*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

- Mondlane, Eduardo (1995). *Lutar por Moçambique*. Maputo: Centro de Estudos Africanos. (1.^a edição moçambicana.)
- Monteiro, Fernando Amaro (1993). *O Islão, o Poder e a Guerra (Moçambique, 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense.
- Monteiro, Fernando Amaro (1989). “As Comunidades Islâmicas de Moçambique: Mecanismos de Comunicação”. *Revista Africana*, Separata do nº. 4. Porto: Universidade Portucalense, pp. 65-89.
- Moreira, Adriano (1956). *Política Ultramarina*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Neves, Olga Iglésias (2001). “Moçambique”, in Serrão, Joel e Marques, A.H. de Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. XI. Lisboa: Ed. Estampa, pp. 469-584.
- Neves, Olga Iglésias (2008). “A Colónia de Moçambique nos séculos XIX e XX. Aspectos políticos, económicos e sociais”, in Fernandes, José Manuel et al. *Moçambique. Cidades, Território e Arquitecturas: 1875-1975*. Lisboa: Ed. de Autor.
- Newitt, Malyn (1997). *História de Moçambique*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Pélissier, R. (2000). *História de Moçambique: Formação e Oposição, 1854-1928*. 3.^a edição, 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa.
- Penevenne, Jeanne-Marie (1998). “Mozambique: a tapestry of conflict 1960-1995”, in Birmingham, David and Martin, Phillis. *History of Central Africa: The contemporary years since 1960*, vol. 3. London: Longman, pp. 231-309.
- Pinto, Maria do Céu (coord.) (2006). *O Islão na Europa*. Lisboa: Ed. Prefácio.
- Ribeiro, Gabriel Sérgio Mithá (2000). *As Representações Sociais dos Moçambicanos: do passado colonial à democratização. Esboço de uma cultura política*. Lisboa: Instituto da Cooperação Portuguesa.
- Ruschd, Ibn (1967). *Kitab-us-Salat*. Lourenço Marques: Minerva Central.
- Silva, Teresa Cruz e (2005). “Religiões em Moçambique”, in Cristovão, Fernando (dir. e coord.) et al. *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Ed., pp. 885-886.
- Souto, Amélia Neves de (2007). *Caetano e o ocaso «Império». Administração e Guerra Colonial em Moçambique durante o Marcelismo (1968-1974)*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Vakil, Abdoolkarim (2004). “Do Outro ao Diverso. Islão e Muçulmanos em Portugal: história, discursos, identidades”. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, nº. 5-6. Lisboa: ULHT, pp. 283-312.

ANEXO

Entrevista ao Sheikh Abdul Carimo

No dia 26 de Julho de 2010, no Conselho Islâmico de Moçambique entrevistei por sugestão do Sheikh Aminuddin Mohamad, o Sheikh Abdul Carimo Nordine Sau, Secretário-geral do Conselho Islâmico de Moçambique e Iman da Mesquita Anuaril

Islam em Maputo. Tendo-lhe entregue a documentação, contendo a credencial do CEsa/ISEG, carta, Ficha do Entrevistado e Guião da Entrevista Preparatória, concordou com a gravação que se transcreve, dando o seu testemunho e respondendo às seguintes questões:

1. Características principais do Islão nas suas diferentes fases;
2. Pode-se falar de um Islão moçambicano?
3. Como era o relacionamento entre o governo português e as comunidades islâmicas?
4. Em algum momento se uniram as associações afro-maometanas com as associações constituídas apenas por indianos?
5. Que papel desempenharam as associações durante a guerra colonial/luta de libertação?
6. Acrescentaria alguma associação à lista elaborada a partir da documentação do AHM?
7. Quem sugere que seja entrevistado em Moçambique?

Antes de responder às questões propriamente ditas, começou por contextualizar historicamente a problemática da expansão islâmica em Moçambique.

Trezentos anos antes da chegada dos Portugueses à costa de Moçambique já os comerciantes árabes se tinham fixado desde o Norte — Ibo, Mocímboa da Praia, Porto Amélia/Pemba ao Centro — Búzi (Sofala) até Inhambane, propagando o Islão e, organizando-se em Emiratos em certos locais estratégicos do litoral, como Angoche e Ilhas. Esses comerciantes eram originários do Iémen, donde deriva a palavra Moçambique: Mussa Al Bique (a pronúncia iemenita, transformou Al em An) assim como de Oman, vindos da Tanzânia, de Zanzibar, onde ainda hoje são visíveis os traços fisionómicos e, donde resultaram ligações familiares. Do ponto de vista comercial traziam especiarias, tecidos e missangas que trocavam por ouro, marfim e escravos. Ao estabelecerem-se em pontos do litoral, conviveram com as populações locais, desenvolvendo primeiro relações comerciais que evoluíram com o decorrer dos anos e séculos para outros tipos de relacionamento: político, religioso e familiar. Portanto, o Islão propagou-se ao longo da costa e, daí para o interior, como aconteceu no Niassa, onde hoje, segundo o censo de 2007 tem acima de 60% de população islâmica, tendo daí chegado ao Malawi, Centro e Sul.

Quanto à 1ª. questão, as características do Islão nas suas diferentes fases:

1ª. Fase – De resistência: A religião islâmica resistiu ao colonialismo português, fundamentalmente por 3 razões:

1ª. Porque o colonialismo português assentava na religião católica e havia um antagonismo entre as duas religiões desde a expansão árabe na Península Ibérica. Quando os árabes foram expulsos da Andaluzia no século XV, foi quando estava a decorrer a expansão portuguesa em África. Tal acontecimento foi conhecido pelos comerciantes árabes que o informaram aos reinos africanos. O comércio como a informação circulava;

2ª. O receio dos comerciantes de, ao perder-se o controle de Sofala, Angoche, Vale do Zambeze, etc., o comércio havia de declinar, o que agudizaria esse confronto religioso;

3ª. Pelo facto de o Islão ser uma religião que abrange a vida, na sua totalidade, pretendia-se manter os traços sociais e culturais das comunidades africanas;

2ª. Fase – Os portugueses vieram para ficar. Ocupação, devido ao armamento superior. Como consequência, os Emiratos deixaram de existir, entra uma nova forma de Estado, o Estado colonial. Portanto, mantêm-se as comunidades islâmicas, do ponto de vista cultural mas sem poder; há uma liderança religiosa mas não política;

3ª. Fase – Comportamento de “vingança”, por parte do colonialismo português. Exemplos: pressão exercida sobre quem quisesse estudar, tinha de ser cristianizado, tinha de se converter. Na zona Norte de Moçambique até à independência não havia escolas oficiais mas sim Missões católicas, aonde era ministrada através da catequese a religião católica. Muitas das famílias que queriam que os seus filhos estudassem tinham de os colocar nas missões. Outras famílias não o fizeram, daí o analfabetismo que ainda se verifica no Norte do país. Ainda hoje há o trauma de enviar os filhos para a escola. É preciso que o chefe religioso vá à rádio explicar que já não há esta pressão. Por outro lado, verificava-se a alteração do nome aquando do registo, Se alguém pretendia registar uma criança com o nome de Amad, não conseguia. Normalmente acabava registada como Alberto. Por isso, há tantos Albertos Costa em Moçambique, filhos de islâmicos;

4ª. Fase – Uma outra tática dos portugueses, de aproximação, com o objectivo de “controlar” as comunidades islâmicas, cooptando primeiro os líderes; dando destaque à promoção de líderes como sipaios. Este nome de origem persa, significa autoridade, portanto como autoridades locais. Assim, são integrados e servem na administração colonial. Por outro lado, mantinha-se um alto grau de ignorância, não só em aspectos

seculares, como educação, como em aspectos religiosos. O Islão incorporou em Moçambique rituais, tradições, traços culturais, por exemplo: no Norte de Moçambique, apresenta-se ainda com tradições locais, danças, batuques, cânticos árabes durante as cerimónias; no funeral, depois do enterro, celebração de missas (no final do 1º. Mês, etc.), entrecruzando-se com outras tradições que não islâmicas. O colonialismo não permitia a saída para outros centros de conhecimento que não os ocidentais. Era impossível ir estudar para as universidades do Cairo (Egipto) ou de Medina (Arábia Saudita). A peregrinação a Meca anual era proibida e só muito mais tarde, é que, o regime “cooptou” os 20 Notáveis, concedendo essa autorização. Tudo isto criou uma certa letargia.

Quanto à 2ª. Questão: se em Moçambique se pode falar de um Islão “moçambicano”, considerou o Entrevistado que não. É certo que existem comunidades islâmicas cujas práticas culturais se afastaram do Islão. Com a independência, surgiu a oportunidade de se estudar no estrangeiro e, hoje pode-se falar de um Movimento Revolucionário Islâmico. Isto é uma realidade, portanto neste momento estamos a limar arestas em direcção às práticas originais. Daí dizer-se que o Islão é uma religião universal. Devido à ignorância, à falta de teólogos, houve a permanência de certas práticas culturais.

Sobre a 3ª. Questão, relativa ao relacionamento entre o governo colonial e as comunidades islâmicas, de certa maneira já se fez a referência a esta problemática nas várias fases que anteriormente foram mencionadas. Em certa altura, houve abertura do Estado Colonial, permitindo a constituição de associações de vária ordem – desportivas, culturais, recreativas, de beneficência. Exemplos concretos: a Associação de Socorros Mútuos Anuaril Issilamo, Anuar é o plural de Nur que significa em urdu: Brilho, portanto, “Brilhos do Islão”; Anjuman, uma outra associação, significa em urdu: “Associação”. Iquebal é em honra de uma personalidade islâmica. Igualmente se atribuía nomes às mesquitas. Por exemplo: Mesquita Taqwá, que significa “Temor a Deus”; Mesquita Bilal, em honra do companheiro do Profeta; Mesquita Cadria e Mesquita Chadulia, tanto na Ilha de Moçambique como em Lourenço Marques/Maputo, da “seita” Sufi. É dessa altura a tradução do Corão para Português por Bento de Castro, do livro de El-Bokhari, “Seleccção de Hadiths”. Houve Teólogos influentes, os 20 Notáveis já referidos, que iam a Meca. Só no Bairro da Mafalala há 5 mesquitas actualmente, com as suas escolas (Madrassas) e, grupos culturais, aonde se canta em Árabe, cânticos em louvor do Profeta e se dança o Tufo, como na Ilha de Moçambique. Tudo isto demonstra a grandeza do Islão.

Se em algum momento as associações se uniram? A 4ª. Questão: A Comunidade Islâmica não era homogénea. Antes pelo contrário, tinha realidades distintas em Porto Amélia/Pemba, Nampula, Beira, Inhambane e Lourenço/Marques/Maputo. Não era possível, durante o colonialismo português uma unificação nessa altura. E, a ligação com Zanzibar? Também o colonialismo português não permitia mas, por exemplo, o Sheikh Mohamed Yussufo fugiu da Ilha de Moçambique para ir estudar para Zanzibar. Isso ajudou o Islão a ter uma semente. Hoje, este senhor, muito velhinho está muito doente.

Sobre o papel das comunidades islâmicas durante a guerra colonial/luta de libertação, a 5ª. Questão: sabe-se que no período mais recente na década de 60 do século XX, muitos islâmicos participaram. A grande parte dos guerrilheiros do Niassa e de Cabo Delgado eram islâmicos. Houve guerrilheiros presos, torturados e mortos nas cadeias do Ibo, Moçambique e Machava. Distinguiram-se S. Khan e Vazirná, um nas relações exteriores no Cairo e nos EUA e o outro na Rádio no Cairo e, tratando de fundos dos Países Árabes para a FRELIMO. Mas não temos nenhum islâmico na Cripta dos Heróis na Praça dos Heróis.

Sobre a dúvida de existirem mais associações, a 6ª. Questão: claro que existem muitas mais mas sobre o facto de em Niassa 64% serem islâmicos, com uma forte comunidade, desconhece-se a existência de associações nessa Província. Sobre a dúvida da fundamentação, no tempo colonial da existência de 100 famílias, 1000 indivíduos a requererem ao governador-geral autorização para se construir uma mesquita, sabe-se hoje que 10 famílias podem requerer um talhão para construírem um templo. Tal facto, é mais fácil no campo do que na cidade, pois aqui há posturas camarárias e burocracia a seguir.

Para finalizar, a 7ª Questão: gostaria de referir a situação específica da Comunidade de Morrumbene (Inhambane), vinda das Comores, mantiveram os traços culturais e chamam à sua zona Khoti (termo comoreano). Outro aspecto a destacar o facto de indianos de Inhambane, que aí se fixaram, de religião Hindu, ao terem relacionamentos com senhoras africanas, como não podiam trazer os sus filhos para a comunidade hindu, deram-lhes nomes hindus mas integraram-nos na comunidade islâmica. Sugestão final: Visita à Associação Anuaril Issilamo: Mesquita, Escola, com a possibilidade de entrevistar o mais velho H. Nalagy, no dia 27.07.2010, às 14:30. A

importância de continuar estes estudos, indo a Nampula, Ilha de Moçambique, Pemba e Ibo.

AGRADECIMENTOS

O arranque desta pesquisa teve um amplo leque de apoios: da família, em primeiro lugar, da Professora que me orienta, Joana Pereira Leite, de Colegas em Maputo, como Amélia Souto e Liazzat Bonate e em Lisboa, como Fernando e Alexandra Campos, da FCT, que materialmente permite estes estudos, dos entrevistados a quem agradeço terem partilhado o seu saber e dos trabalhadores do Arquivo Histórico de Moçambique, na pessoa do seu Director, Joel das Neves Tembe.